Experiências de estagiários de docência: reflexões sobre precariedade e evasão escolar**Experiences of training trainers: reflections on precarity and school evasion**

DOI:10.34117/bjdv5n12-085

Recebimento dos originais: 07/11/2019

Aceitação para publicação: 06/12/2019

Marcos Andrade Alves dos Santos

Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – PPGS/UECE

Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Ceará – UFC

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará, campus da Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI/UECE.

Instituição: Universidade Estadual do Ceará/UECE

Endereço: Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itapery, Fortaleza-CE, Brasil

E-mail: marcos.andrade@aluno.uece.br

Maria Iara Santos da Silva

Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Vale do Acaraú – UV

Instituição: Universidade do Vale do Acaraú

Endereço: Av. da Universidade, 850 – Jerônimo de Medeiros Prado, Sobral/CE – 62010295.

E-mail: yaraceny0104@gmail.com

Fernando Sávio Santos da Silva

Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Vale do Acaraú – UVA

Técnico em Danças Cênicas Contemporâneas pelas Universidade Federal do Ceará/UFC e Universidade Estadual do Ceará/UECE

Instituição: Universidade do Vale do Acaraú

Endereço: Av. da Universidade, 850 – Jerônimo de Medeiros Prado, Sobral/CE – 62010295.

E-mail: saviosantus@gmail.com

Israel Santos da Silva

Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Vale do Acaraú – UVA

Monitor de Educação Física na Pastoral do Menor – Canaan

Instituição: Universidade do Vale do Acaraú

Endereço: Av. da Universidade, 850 – Jerônimo de Medeiros Prado, Sobral/CE – 62010295.

E-mail: israeldosantos5@gmail.com

RESUMO

O que a escola pode fazer quando todas as condições induzem que os estudantes fracassem? Essa é uma pergunta que as escolas do Brasil experimentam todos os dias e que diante dela desenvolvem diferentes respostas. Escolas situadas em condições precárias, que procuram desenvolver um trabalho pedagógico com estudantes e famílias expostos a precariedade se vem constantemente desafiadas. E se estivermos trabalhando numa escola localizada em condições precárias, atendendo a alunos pobres, lidando com os desafios das vidas expostas ao dano, a violência, a precariedade, o quadro agrava-se ainda mais. É muito difícil que as pessoas consigam prosperar em condições precárias. Existem condições que induzem a desistência, a migração, a desilusão com a escola. A escola não pode

oferecer aquilo que as pessoas realmente precisam. De certo modo, as pessoas que trabalham nestas instituições chegam a acreditar que tudo depende dela para que as trajetórias destas pessoas tenham outros rumos – rumos que desafiam a pobreza e a abjeção social. Este ensaio objetiva analisar algumas relações entre precariedade e evasão escolar a partir das experiências educativas em uma instituição de ensino localizada no interior do Ce. As situações que são destacadas como mote de reflexão ocorreram nas experiências de estágio dos autores.

Palavras-chaves: Estudantes; Escola; Precariedade; Pobreza; Estágio em Docência.

ABSTRACT

What can the school do when all conditions induce students to fail? This is a question that schools in Brazil experience every day and that before it develop different answers. Schools in precarious conditions that seek to develop pedagogical work with students and families exposed to precariousness are constantly challenged. And if we are working in a school located in precarious conditions, serving poor students, dealing with the challenges of life exposed to harm, violence, precariousness, the picture gets even worse. It is very difficult for people to thrive in poor conditions. There are conditions that induce dropout, migration, disillusionment with the school. The school cannot offer what people really need. In a way, people who work in these institutions come to believe that everything depends on it so that their trajectories have other directions - directions that challenge poverty and social abjection. This essay aims to analyze some relationships between precariousness and dropout from educational experiences in an educational institution located within the Ce. The situations that are highlighted as a reflection theme occurred in the authors' internship experiences.

Keywords: Students; School; Precariousness; Poverty; Teaching Internship.

1 INTRODUÇÃO

A profissão de professor demanda um permanente exercício crítico reflexivo, especialmente quando Libâneo (2011, p. 21) aponta que “a transformação geral da sociedade repercute, sim, na educação, nas escolas, no trabalho dos professores”. O mesmo autor reflete sobre as possibilidades negativas desta repercussão apontando para “a subordinação da educação à economia e ao mercado com pouca ou nenhuma preocupação com a desigualdade e o destino social das pessoas” (p.21). Desta forma, ao professor se exige a capacidade de refletir sobre os desafios de sua posição estratégica na sociedade, ainda mais quando estamos situados num contexto no qual as forças do Estado procuram reduzir a atividade docente de seu potencial crítico.

Tendo essas circunstâncias em perspectiva, Santos e Castro (2019) defendem que as capacidades de reflexão devem começar desde a serem produzidas desde os momentos iniciais da formação de professores. Certamente, que este investimento pode orientar outras direções para os processos pedagógicos, primando pela melhoria constante da atividade profissional do professor. Este esforço essencial quando se pensa que o campo de trabalho do professor é a escola.

O cotidiano escolar é muito diferente de tudo o que conversamos quando ainda estamos na formação inicial para professores, das expectativas que alimentamos nas salas de aula das licenciaturas. Ele se constitui por forças diversas, que, no entanto, éramos incapazes de perceber antes

de entrarmos em contato com as explicações das teorias, antes de observarmos com atenção aquilo que se diz e aquilo que de fato acontece nas interações dentro da escola.

Se estamos trabalhando numa escola localizada em condições precárias, atendendo a alunos pobres, lidando com os desafios das vidas expostas ao dano, a violência, a precariedade, o quadro agrava-se ainda mais. É muito difícil que as pessoas consigam prosperar em condições precárias. Existem condições que induzem a desistência, a migração, a desilusão com a escola. A escola não pode oferecer aquilo que as pessoas realmente precisam. E muitas vezes, a escola desaprende do olhar crítico para as realidades precarizadas dos seus estudantes.

Este ensaio objetiva analisar algumas relações entre precariedade e evasão escolar a partir das experiências educativas em uma instituição de ensino localizada no interior do Ce. As situações que são destacadas como mote de reflexão ocorreram nas experiências de estágio dos autores.

2 OLHARES POR DENTRO DA ESCOLA: PRECARIEDADE E EVASÃO E SCOLAR

Usarei essa seção para relatar uma situação que ocorreu com um dos estagiários que contribuiu neste artigo, o primeiro autor. Por isso, nesta seção usarei a primeira pessoa do singular na escrita, visto que se trata de uma experiência particular do estágio ainda que outras pessoas possam igualmente se representar em situação semelhante.

Trata-se de uma situação de desistência de uma estudante (que a escola opta por nomear estatisticamente como evasão escolar) vivenciada numa escola de ensino médio do interior do Ceará¹, num distrito predominantemente rural, situado em cerca de 140 km de Fortaleza. A escola atende alunos pobres, expostos a violência do tráfico de drogas que atinge os interiores do Ceará por meio da dispersão das facções e a carência de políticas públicas para juventude no Distrito de Canaan / Município de Trairi – condições que ajudam a aprofundar o quadro de precariedade no qual persistem.

Grande parte dos estudantes acessa a instituição por meio do transporte escolar precário, se deslocando diariamente das muitas comunidades rurais, como a estudante que encenou a situação de desistência referida acima. Quando o transporte escolar não funciona, esses estudantes não tem como ir as aulas e isto é relevante quando procuro refletir sobre a situação de estudantes pobres.

A instituição educativa procura desenvolver seu trabalho a partir de perspectivas pedagógicas educacionais. Essa é uma estratégia que procura driblar as limitações da estrutura física que a escola possui e que muitas vezes esbarra na formação inicial precária dos professores. Situada numa comunidade pobre, a escola também sofre os efeitos da precariedade induzida pelo Estado ao mesmo tempo em que produz reivindicações por um novo prédio e melhores condições de trabalho na

¹ Procuro não citar o nome da escola com a intenção de preservar o anonimato da instituição. Assim, no decorrer do texto uso apenas o termo *escola* para relatar a situação que interessa a esse estudo.

instituição. Essas manifestações ocorrem de forma intensa na internet com uma capacidade performativa nas relações entre escola e Estado – algumas negociações já ocorreram, mas o prédio novo ainda não saiu. Enquanto isso, estudantes e professores persistem desafiando as condições que os induzem a fracassar.

A escola em questão possui uma estrutura física limitada, pois foi construída na década de 80, em outro contexto social e político, para atender uma população com necessidades educacionais diferentes das atuais. A instituição dispõe de um prédio desgastado pelo tempo, não possui quadra esportiva e ambientes favoráveis a realização de atividades fora de sala de aula. Além disso não possui um pátio amplo que possibilite a interação dos alunos nos intervalos das aulas (as interações e pequenos eventos ocorrem num pátio em que todos se aglomeram desconfortavelmente).

Ainda assim, o aparelho educativo dispõe de laboratório de informática com computadores danificados e laboratório de ciências inoperante por problemas estruturais relacionados com a falta de materiais adequados. Os banheiros são apertados, inadequados para os estudantes (especialmente quando se pensa em aulas práticas de Educação Física). O bebedouro é insalubre e não convida ninguém a usá-lo. As salas de aulas são quentes, apertadas e desconfortáveis para todos. A cantina não é suficiente para abrigar os estudantes enquanto comem, pelo contrário, estes pegam o alimento e se distanciam para as salas de aula ou para corredores apertados. E se não houvesse alimento seria ainda pior, pois é notório que no Brasil, a refeição mais digna de muitos estudantes só ocorre na escola.

Estes aspectos interferem no trabalho docente, intervêm nas disposições dos estudantes, nas condições sob as quais todos se deslocam para (e) dentro da escola em busca de aprender ou de ensinar. Eles também remontam o contexto de precarização que a educação brasileira atravessa e que é aprofundado no presente com os cortes nas verbas destinadas a Educação pelo governo Bolsonaro e com os ataques do Ministro da Educação contra a Educação pública. A Educação sofre de um descrédito produzido pelo próprio governo.

Neste contexto, na escola em que cursei o estágio, as tecnologias e as redes sociais emergem como dispositivos onde se criam espaços de produção de narrativas pedagógicas a partir das interações educacionais entre professores, alunos e a comunidade. E isto possui uma importância particular nessa instituição. Quando a escola física não consegue abarcar as ricas possibilidades de construção de conhecimento, então os profissionais ampliam o entendimento de sala de aula e de processo pedagógico. Os alunos ganham certo protagonismo na construção de suas trajetórias escolares e podem se deslocar por outros espaços para construir conhecimentos de modo colaborativo.

Contudo, embora a escola pareça potencializar relações de aprendizagem mais afeitas aos deslocamentos dos estudantes e a construção de espaços virtuais educacionais e atividades diferentes da pedagogia tradicional de ensino, ainda assim nem todo o contexto é modificado. Algumas forças tradicionais persistem e encontram justificação nas dificuldades estruturais da escola. Certas concepções pedagógicas e o trabalho de alguns professores permanecem enrijecidos mesmo dentro de uma perspectiva móvel de educação. Foi o que evidenciei nas aulas de Biologia que observei na qualidade de estagiário em docência. Isso não significa que a pedagogia tradicional deva ser completamente abandonada, mas que algo de repetitivo, assimilacionista, e reducionista ainda continua a orientar o trabalho pedagógico e a desanimar estudantes que precisam de cada vez mais estímulos para permanecer na escola (SANTOS; CASTRO, 2019).

O que procuro apontar a partir destas breves considerações sobre a escola em que realizei meu estágio é que ainda que a instituição escolar reinvente o cotidiano e gere outras possibilidades para todos, algumas vezes ela falha com os alunos – e estas falhas, ainda que não venham a ser intencionais, se refletem na vida dos estudantes e de toda a comunidade. Isso ocorre, no entanto, no imbricamento de muitas circunstâncias que escapam ao controle da escola exatamente porque ocorrem por meio de complexas relações sociais nas quais a escola é apenas uma das muitas instituições envolvidas.

E quando me refiro a escola aponto para a Instituição Escolar e não apenas para a escola que serve como exemplo aqui. Infelizmente a escola não dispõe de todos os recursos necessários para garantir que os alunos tenham sucesso em suas trajetórias escolares. Alguns alunos estão em vantagem em relação a outros desde o princípio por causa do capital social e cultural de suas famílias. Isto é percebido na escola, como aponta Bourdieu (2008). Embora pensemos que a escola possua esse caráter de transformação social, vamos encontrar na perspectiva do autor que sua tarefa histórica, pelo contrário, consiste em conservar as estruturas sociais, por isso não é aleatório que se veja tanta desigualdade nas relações de poder dentro do espaço escolar. Além disso, não é aleatório que quando se veja numa situação de abrir mão de um estudante, a escola o faça sem muita demora.

No dia 16 de outubro de 2019, ao chegar na escola para colher assinaturas do Diretor para o termo de compromisso do estágio, tive a oportunidade de presenciar uma situação triste e que se repete com frequência pelas escolas do Brasil (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017). Uma mãe, mulher muito simples e humilde de uma comunidade de Canaan, entrou na secretaria escolar para tratar da situação de desistência de sua filha com o diretor ou coordenadora pedagógica. A garota cursava o 1º ano do Ensino Médio em 2018 e engravidou, porém, não parou os estudos e teve seu filho. Agora cursava o 2º ano, mas precisava deixar a criança em casa no período em que se desloca para a escola a fim de concluir o ensino básico. O problema é que a família foi denunciada ao Conselho Tutelar

pelos vizinhos sob a acusação de que a criança estava passando fome. A mãe contou com muita tristeza o seguinte:

Foram lá em casa, abriram minha geladeira para ver se tinha alguma coisa dentro. Mas ninguém passa fome lá em casa. Somos pobres, mais nunca passamos fome. Mas a minha filha teve que ir embora para Fortaleza, arrumar um trabalho e sustentar o menino.

Essa narrativa faz parte de muitas trajetórias no Distrito e em suas proximidades. A Pobreza é um fenômeno multifacetado (SALAMA; DESTREMAU, 1999) e que alcança a escola em Canaan, sobretudo porque a população que lhe acessa pertence à classe trabalhadora (do camponês aquele que trabalha no serviço público). A escola que se constrói no Distrito não pode se destituir desta percepção, pois as histórias que a maioria das famílias dos estudantes têm para contar trazem a pobreza como uma realidade presente e que as impedem (ou impediram) de alcançar outras direções menos precárias.

O relato da senhora expressava uma tristeza muito característica daqueles que se sentem desprotegidos diante do Estado, o mesmo ao qual em algum momento solicitam proteção (como quando se deslocam até a escola esperando que a Educação possa transformar as trajetórias familiares ao ampliar o escopo de suas possibilidades de prosperarem contra a precariedade). Afinal foram agentes do Estado que invadiram a casa da senhora e abriram bruscamente sua geladeira a fim de confirmar se as denúncias dos vizinhos se confirmariam. De certo modo, o Estado também fez com que a jovem migrasse e, portanto, se despedisse da escola para poder trabalhar e garantir mais recursos para cuidar de sua criança.

O Estado também está representado na escola, por meio da qual oferece educação gratuita para as pessoas pobres da comunidade. Mas a jovem teve que se afastar da escola, entrando para os índices de evasão escolar há menos de dois meses do término do período letivo. Este caso é muito complexo, pois implica em considerar muitas relações contraditórias e analisar como o Estado interfere na vida da população. Não estou dizendo que denúncias não devem ser devidamente investigadas, sobretudo quando dizem respeito a vida de uma criança; muita negligência é cometida nestes casos. O que estou propondo é que, sob certas circunstâncias, o Estado não abarca suficientemente as necessidades de certas populações e quando faz isso está contribuindo para induzir a precariedade de determinadas experiências sociais (BUTLER, 2018).

Quando o Estado se afasta de seu papel em construir políticas públicas que garantam oportunidades locais para jovens, que estão para além da escola, então o próprio Estado está envolvido nos processos migratórios e de marginalização de jovens dos interiores para capitais. Cabe questionar para que o Estado quer essas populações nas cidades grandes, pois nestas outras

espacialidades elas circulam nas periferias, em condições de subemprego e ameaçadas pela violência dos grandes centros urbanos.

Nesta questão, a escola está situada numa posição problemática. Uma das questões que se impõe aqueles que trabalham no aparelho educativo consiste: o que a escola pode fazer? E não restam muitas alternativas de resposta. Na ocasião, embora a coordenadora pedagógica e o Professor Diretor de Turma (PPDT) tenham insistido junto a mãe, a família já tinha resolvido a situação: a solução para se livrar da falta de recursos foi a jovem desistir da escola e ir trabalhar em Fortaleza. Diante dos problemas apresentados pela mãe da estudante, o PPDT afirmou “*infelizmente na questão de trabalho e econômica, a escola não pode fazer nada*”. Então o termo de desistência foi assinado. A jovem entrou para os índices de evasão escolar, que se diga de passagem, é alto em relação a quantidade estudantes (foi o que me informou o secretário escolar).

Perguntei ao Secretário escolar também quais eram os principais motivos através dos quais os estudantes e os familiares explicavam sua desistência da escola, e ele listou os seguintes: 1) Os alunos não têm interesse em estudar, 2) Os alunos desistem de estudar para trabalhar, 3) Gravidez na adolescência. Ele esqueceu de acrescentar que o tráfico de drogas na comunidade produziu diferenças marcantes nas sociabilidades. Uma vez, num evento, o antigo diretor disse que não sabia como agir porque tinha um aluno que não podia mais frequentar a escola por está ameaçado de morte por traficantes e que seria morto na porta da escola, se insistisse em ir. Gravei essa situação na memória por causa de sua gravidade.

De qualquer forma, não podemos, caro leitor, nos eximir de perguntar por que os alunos não têm interesse em estudar, que condições induzem essa falta de interesse. Ou ainda quais condições fazem como que alunos deixem de estudar para trabalhar. Mencionei no início que muitos estudantes residem em comunidades rurais e certamente que sei que muitos deles ajudam os familiares em atividades de trabalho no contraturno. Será que não se desgastam? Será que possuem todas as condições materiais suficientes e disposição para aprender? E por fim, por que a gravidez deveria ser um problema que leva estudantes a desistirem de concluir sua educação básica e avançarem em direção a outras formações?

O aspecto econômico, umas das facetas da pobreza, é mencionado como o item determinante para a desistência da estudante que procurei discutir acima. Lamentavelmente, naquela situação a escola não poderia oferecer as condições materiais suficientes para garantir que os estudantes concluam seus estudos e possam avançar na transformação de suas trajetórias. Creio que essa tarefa não pertence apenas a escola, por isso muitas vezes ela também se vê sozinha neste investimento (foi essa a impressão que tive quando conversei posteriormente com a Coordenadora Pedagógica). E essa

não é a única situação em que um estudante desiste de estudar porque sua situação de precariedade familiar cresce, embora esteja na escola.

Minha hipótese é que não apenas a estudante que é induzida pela sua situação social e econômica a desistir da escola, mas toda a família está envolvida no processo que culmina no ato de desistência. A família assina com tristeza o termo de desistência. Com a estudante, a família também assiste fracassar sua melhor perspectiva de prosperar. A família pobre está imbrincada no processo que tem na escola a perspectiva mais favorável de transformação das trajetórias pobres, despossuídas e subalternizadas. Algo acontece na trajetória desta família quando um membro com chances de prosperar na escola tem essa perspectiva interrompida por causa da fraqueza econômica e carência de políticas públicas.

Embora tenhamos que ter cuidado com os limites da interferência do Estado em nossas vidas, avalio que em certas situações a sua interferência é essencial, sobretudo quando o que está em jogo é superação da desigualdade social através do enfrentamento dos níveis de precariedade insuportáveis. É insuportável concordar com a Precariedade como “a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio social e econômicas mais do que outras e ficam diferencialmente expostas ao dano, a violência e morte” (BUTLER, 2019, p. 40).

A escola está posicionada justamente na encruzilhada que tem a precariedade como uma agenciadora de desigualdades. Pensar em uma educação que combata as desigualdades é essencial, por isso penso ser possível solicitar outros posicionamentos da escola. A escola não pode deixar ir tão facilmente seus estudantes, sobretudo quando possui conhecimento sobre suas situações de precariedade. É assim que a escola não pode funcionar sem estabelecer relações com outras instituições sociais e sem articulação de outras políticas públicas. A escola sozinha não funciona. Quem sabe exista outros caminhos se a escola estabelecer outros caminhos formativos e souber politizar melhor seus estudantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a escola pode fazer quando todas as condições induzem que os estudantes fracassem? Essa é uma pergunta que as escolas do Brasil experimentam todos os dias e que diante dela desenvolvem diferentes respostas. Escolas situadas em condições precárias, que procuram desenvolver um trabalho pedagógico com estudantes e famílias expostos a precariedade certamente que se vem constantemente desafiadas. De certo modo, as pessoas que trabalham nestas instituições chegam a acreditar que tudo depende dela para que as trajetórias destas pessoas tenham outros rumos – rumos que desafiam a pobreza e a abjeção social.

Neste contexto, evidentemente precisamos transformar nossas visões sobre o que compreendemos como evasão escolar (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017). A evasão escolar não pode ser pensada como uma atitude individual dos estudantes, como um simples desinteresse pelos estudos, antes temos que nos perguntar quais as condições que geram esse desinteresse e como elas se realizam no cotidiano escolar. Qual é o papel da escola na evasão escolar, como ela acaba legitimando o processo e como ela se exime de sua responsabilidade? Como o Estado contribui para aumentar os índices da evasão escolar e como culpabiliza num discurso neoliberal as populações pobres.

Temos que questionar a situação de precariedade de determinadas populações e como estão diferencialmente expostas ao dano, a violência, a morte (BUTLER, 2018), bem como as desigualdades no acesso e permanência na escola. Talvez esse investimento possa nos revelar por que alguns estudantes estão desde o princípio expostos ao fracasso escolar como experiência social que tem na precariedade sua origem. Pode ser que o reconhecimento da precariedade de algumas populações possa levar a sociedade a politizar-se e a transformar radicalmente as dimensões do Estado, fortalecendo políticas públicas que combatam a precariedade.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miguens; Revisão Técnica Carla Rodrigues – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, M. A. A.; CASTRO, D. P. **Estágio supervisionado como campo de formação do professor reflexivo**. In Perspectivas Transdisciplinares em Educação / Org. Samia Paula dos Santos Silva, Jarles Lopes de Medeiros. – Dados eletrônicos – João Pessoa: Ideia, 2019.
- SALAMA, P.; DESTREMAU, B. **O tamanho da pobreza**: economia política e distribuição da renda. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- SILVA FILHO, R. B., ARAÚJO, R. M. L. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil**: Fatores, causas e possíveis consequências. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017.